

Apresentação e Resumo do livro “Correntes Religiosas e Globalização”

Por Oneide Bobsin

A coerência temática de um conjunto de textos escritos em época distintas e por razões diferentes seria uma tarefa difícil se as motivações não estivessem balizadas por perspectiva analítica interdisciplinar do fenômeno religioso e suas múltiplas tendências, no horizonte de um compromisso ecumênico que se configura na prática pastoral e política transformadora. Relacionado a esta perspectiva, o problema comum aos textos aqui reunidos nasce da compreensão de que há uma busca de sentido nas fronteiras, ora difusas, ora rígidas, entre velhas e novas identidades religiosas.

Neste sentido, o trabalho *Tendências Religiosas e Transversalidade - Hipóteses sobre a transgressão de fronteiras* expressa os aspectos teóricos comuns a todos textos. O artigo reflete sobre as reconfigurações dos mapas das religiões a partir da noção de *transversalidade* num contexto em que a globalização transcende a economia de mercado e o sistema financeiro internacional. Captar a dinâmica da trajetória de crenças e idéias religiosas que não apenas se destradicionalizam, mas também perpassam as fronteiras confessionais e das grandes religiões mundiais, constituiu-se, nos últimos anos, uma preocupação constante na compreensão da globalização e seus efeitos sociais e simbólico-religioso.

No segundo texto desta coletânea o tema *transversalidade* encontra no campo religioso brasileiro um lugar para ser exercitado. Em *A Morte Morena do Protestantismo Branco: Contrabando de espíritos nas fronteiras religiosas*, ao lançar mão da imagem da tela de cinema sobre a qual é projetada as cenas de um filme, pretendo

auscultar possíveis passagens entre fenômenos religiosos com ampla base popular no Brasil. Para aquilo que é nomeado como a expressão “vasos comunicantes” por alguns cientistas das religiões cunho a idéia de contrabando simbólico. Assim, ao me apropriar da idéia de uma transação ilegal na circulação de mercadorias retomo, de certa forma, a pergunta pelas interseções temáticas nas fronteiras de fenômenos religiosos distintos. Fazemos, portanto, um exercício ao auscultar os temas sócio-existenciais comuns ao catolicismo popular, cultos afro-brasileiros, espiritismo, umbanda e pentecostalismo/neopentecostalismo. Neste horizonte nos perguntamos, pois, o que é comum a uma diversidade de práticas religiosas, não obstante a concorrência religiosa influenciada pelo mercado e o confronto simbólico-religioso entre pentecostais/ neopentecostais e os cultos de possessão. Em que medida o conflito entre práticas religiosas distintas não é decorrência de um esforço para desenhar diferenças não tão visíveis aos olhos dos fiéis?

Se com os dois primeiros textos buscamos apresentar a dinâmica do universo religioso brasileiro e seus vínculos com as tendências mais globais, em *Pentecostalismo e neopentecostalismo no Brasil: Aspectos políticos e culturais* analisamos um dos fenômenos religiosos mais expressivos que atravessou o século XX num crescendo numérico. Seguimos, desta forma, um raciocínio dedutivo.

Seu impacto na sociedade brasileira foi confirmado pelo Censo do IBGE de 2000, o qual nos demonstra que 10% da população brasileira é pentecostal. Seu crescimento numérico parece ser diretamente proporcional ao seu envolvimento político, especialmente a partir das últimas duas décadas. Pentecostais e neopentecostais apóiam entre tantos no momento um candidato à presidência da República e o candidato a vice na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva. O interesse pela política transcende os interesses fisiológicos e deita suas raízes na forma como o pentecostalismo e neopentecostalismo se constituíram numa ruptura religiosa no lastro de continuidades culturais na sociedade brasileira. Além disso, o pentecostalismo e o neopentecostalismo constituem-se como tendências que cruzam

as fronteiras das Igrejas cristãs tradicionais, apresentando-se nelas na forma de movimento carismático.

Mesmo que tenha sido elaborado durante o período da campanha eleitoral de quatro anos atrás e de estar vinculado a um tema específico de um simpósio cujo tema foi *Populações Rio-grandenses e Modelos de Igreja*, seus dados e pistas interpretativas não se prendem àquela conjuntura e aos propósitos da Comissão História Eclesiástica (CEHILA) que promoveu aquele evento.

Entre as tendências ou correntes religiosas de perfil transnacional está o fundamentalismo. Como os pentecostais das últimas décadas, os grupos fundamentalistas também vinculam suas práticas a um discurso político-religioso. A partir do mote “Deus salve a América”, tantas vezes repetido por George W. Bush após os atentados de “11 de setembro” de 2001, tecemos fios que vinculam o uso político da religião pelo presidente da maior potência econômico-militar do planeta à tão discutível Religião Civil americana e ao protestantismo fundamentalista. Sem cairmos num dualismo polarizado entre bem e mal, a título de contraponto igualmente buscamos nos grupos islâmicos fundamentalistas minoritários um outro mote: “Morte à América”, é o que bradavam os 8 milhões de muçulmanos que foram visitar o túmulo de Khomeini uma ano após a sua morte.

Os discursos de Bush após o atentado terrorista de 11 de setembro contra os supostos terroristas muçulmanos liderados por Bin Laden não refletem um “choque de civilizações” como quer Samuel Huntington. Ademais, as acusações que levam à demonização do outro, tanto de Bush quanto de Bin Laden, não nos autorizam a afirmar que a religião voltou a assumir o lugar de maestra nos conflitos políticos internacionais. Reconhecemos, isto sim, que está ocupando um lugar no espaço público, não obstante as teses que sustentam sua forte tendência à privatização. Desta forma, o texto *“Deus Salve a América”: fundamentalismo, identidade e política* tenta relativizar os lugares que as religiões ocupam tanto na tendência fundamentalista que volta os olhos para o passado como se a resposta ao mundo moderno

secularizado consistisse na subordinação do Estado e da cultura a credos religiosos quanto à idéia de que caminhamos, inevitavelmente, para a determinação do campo religioso pela lógica do mercado. Logo, a presença das instituições religiosas no espaço público pode facilitar os surgimentos de novas identidades e práticas solidárias desde de que a dinâmica da sociedade civil e do próprio Estado tracem contornos a tendências ao entrincheiramento identitário.

No último texto, os temas e as questões abordados ao longo da coletânea retornam sob a forma de uma linguagem própria de romances; esta é, pelo menos, a tentativa do autor. *Religiões em romances* compreende a apresentação de três obras, sendo que duas são romances. A primeira a ser apresentada tem por título *O rei, o sábio e o bufão*. O teólogo protestante e cientista da religião Shafique Keshajve apresenta o diálogo entre as grandes religiões mundiais por meio de uma fábula. A questão fundamental é colocada pelo rei que pretende, através de um torneio entre líderes religiosos, descobrir qual a melhor religião para superar a crise de sentido das pessoas de seu país.

A viagem de Théo da escritora francesa Catherine Clément apresenta um drama de uma família de origem grega que vive na França, cujo filho adolescente sofre de uma doença incurável. A tia de Théo, uma viúva rica, resolve presentear o sobrinho com uma viagem pelos grandes centros religiosos do mundo. Talvez seja o último presente que Théo receberá antes de morrer. Através da ficção Catharine vai apresentando a Théo os mais diversos personagens das religiões, bem como ritos que visam a terapia. Não faltam os debates acalorados de Théo e de sua tia com sacerdotes e sacerdotisas a respeito dos conflitos e guerras religiosas. Mesmo descrentes, a visita a centros religiosos dos cinco continentes traz novas perspectivas para aquele adolescente que reflete as perguntas fundamentais dos seres humanos e suas articulações distintas pelas religiões.

As questões existenciais romanceadas por Shafique e Catherine encontram lugar em *O livro das religiões*, de Jostein Gaardner, autor do best-seller “Mundo de

Sofia”. Com certeza, os personagens dos dois primeiros romancistas se encontrariam no texto de Gaardner, quando este busca na descrição das religiões respostas para perguntas fundamentais, tais como: Quem sou eu? Como foi que o mundo passou a existir? Que forças governam a história? Deus existe? O que acontece conosco quando morremos? Como um filósofo europeu de tradição protestante, Gaardner e os co-autores V. Hellern e H. Notaker não ignoram respostas a estas perguntas por quem não tem as religiões como referência. Com certeza, alguns personagens de Shafique e o próprio Théo se sentiram à vontade com a abordagem secular das questões existenciais feitas por Gaardner.

Na viagem por meio desta coletânea as pessoas poderão se decepcionar, bem como encontrar razões para a esperança. Não está expresso, mas perpassa todos os textos a compreensão segundo a qual as religiões são fenômenos sociais e humanos; logo, carregados de ambigüidade. Em outras palavras, as religiões se constituem como espaços de vida ou de morte. Elas podem fazer viver ou morrer. Elas podem ser espaços de fuga da realidade ou motivação de transcendência para dentro da história. Podem ser vistas como correntes que prendem e/ou correntes de água que lembram a liberdade que brota da fé rompe grilhões.

Também é importante ressaltar que se o “e” dará lugar ao “ou”, saberemos contar até três e nos tornaremos mais democráticos. Como a política, as religiões podem alienar como nos colocar em marcha num processo de libertação; ou as duas realidades simultaneamente. Como disse o apóstolo Paulo em 1 Coríntios 13. 12, “agora vemos em espelho e de uma maneira confusa, mas, depois, veremos face a face”. Além disso, nos alerta de que a ciência sem amor nos deixará inchados; inchados de arrogância.

São Leopoldo, julho de 2002.